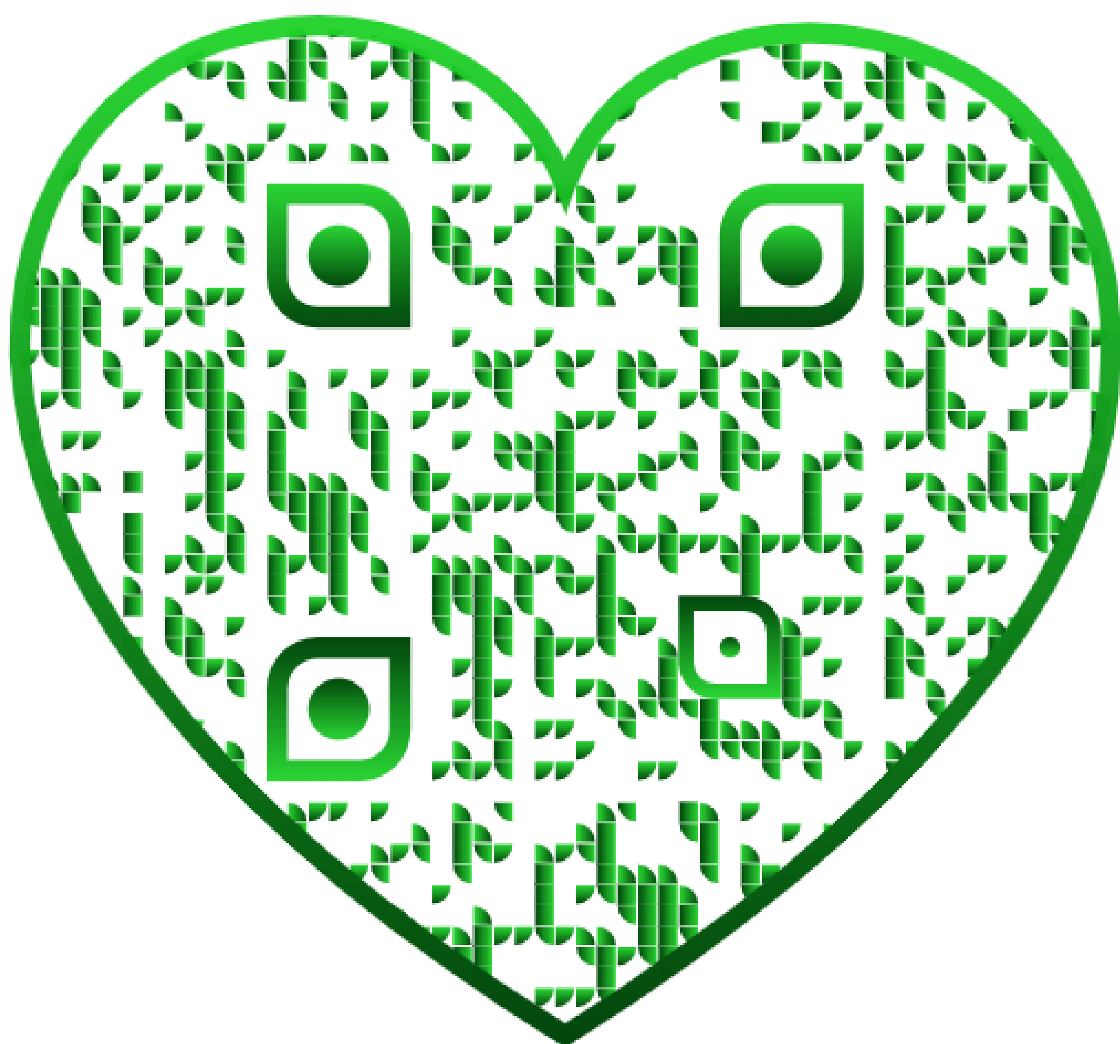


EGO TRANSFORMADO

A humildade que brota do evangelho
e traz a verdadeira alegria

TIMOTHY KELLER

VIDA NOVA



Tim Keller sabe que a liberdade individual só é encontrada quando nos enxergamos do ponto de vista da pessoa e da obra do Senhor Jesus Cristo. Leia este livro e experimente essa liberdade.

Paul David Tripp,
presidente do ministério Paul Tripp Ministries

Neste proveitoso livrete, o dr. Keller traça um retrato instigante daqueles que são verdadeiramente humildes segundo o evangelho e que estão tão comprometidos com seu Senhor, que se libertaram da necessidade constante de pensar em si mesmos. Fomos desafiados por essa mensagem e oramos para que o mesmo aconteça aos demais leitores.

Christopher e Carolyn Ash,
The Cornhill Training Course, Londres

Pequeno, porém grandioso! Um livro verdadeiramente libertador para todos os que se preocupam com o que as pessoas pensam ou já se viram enredados em algum conflito. Você encontrará uma explicação para sua vida e depois passará a percorrer o caminho da liberdade.

Tim Chester,
criador e diretor de The Porterbrook Institute



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy
Ego transformado: a humildade que brota do evangelho e traz a verdadeira alegria / Timothy Keller; tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.
48p.

ISBN 978-85-275-0951-0
Título original: *The freedom of self-forgetfulness*

1. Vida cristã I. Título II. Kregness, Eulália Pacheco III.

14-0508 CDD 248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Vida Cristã

EGO TRANSFORMADO

A humildade que brota do evangelho
e traz a verdadeira alegria

TIMOTHY KELLER

Tradução
Eulália Pacheco Kregness



©2012-2014, de Timothy Keller
Título do original: *The freedom of self-forgetfulness: the path to true Christian joy*, edição publicada pela 10PUBLISHING, divisão da 10OFTHOSE.COM (Farington, Leyland, Inglaterra).

1.ª edição: 2014
Reimpressões: 2015, 20172, 2018, 2019

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM CITAÇÕES BREVES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da segunda edição revisada da Almeida Século 21 (A21), ©2004, de Edições Vida Nova, salvo indicação em contrário.

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Mauro Nogueira

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Gustavo N. Bonifácio
Tatiane Souza
Ubevaldo G. Sampaio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira de Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sk Editoração

CAPA
Sk Editoração | Herbert Guedes

Sumário

A liberdade resultante do autoesquecimento

1 A condição natural do ego humano

2 A visão transformada do eu

3 Como alcançar uma visão transformada do eu

Considerações e perguntas para reflexão

A liberdade resultante do autoesquecimento

Quais são as marcas de um coração radicalmente transformado pela graça de Deus? Se confiamos em Cristo, como deve ser o nosso coração? Não estou me referindo aqui apenas ao comportamento moral. É perfeitamente possível fazermos uma série de ações moralmente virtuosas quando temos o coração cheio de medo, de orgulho ou de sede de poder. Tenho em vista corações que foram transformados, na raiz, pela graça de Deus — e como isso se concretiza no dia a dia.

Vamos nos concentrar em um trecho da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios (3.21—4.7).

> Portanto, ninguém se glorie nos homens, porque todas as coisas são vossas. Seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes, as futuras; todas as coisas são vossas, e vós sois de Cristo, e Cristo, de Deus. Assim, os homens devem nos considerar servos de Cristo encarregados dos mistérios de Deus. Além disso, o que se requer de pessoas assim encarregadas é que sejam encontradas fiéis. No entanto, pouco me importa se sou julgado por vós, ou por qualquer tribunal humano; de fato, nem eu julgo a mim mesmo. Pois, embora eu esteja consciente de que não há nada contra mim, nem por isso me justifico, pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não só trará à luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os motivos dos corações. Então cada um receberá seu reconhecimento da parte de Deus. Irmãos, apliquei essas coisas a mim e a Apolo, por causa de vós, para que aprendais por nosso intermédio a não ir além do que está escrito, de modo que nenhum de vós se encha de orgulho em favor de um contra o outro. Pois, quem te faz diferente dos demais? E o que tens que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te orgulhas, como se não o tivesse recebido?

Havia divisão em toda a igreja de Corinto, a qual fora fundada por Paulo. Mas, como percebemos nas referências a Apolo e a Cefas, outros evangelistas estiveram mais tarde na cidade. Consequentemente, diferentes pessoas desenvolveram vínculos com diferentes ministros de projeção. Assim, um membro da igreja havia sido guiado e discipulado por Paulo, outro havia sido discipulado e nomeado como líder por Apolo (também um grande mestre) e assim por diante. Em vez de os coríntios se alegrarem por se relacionar com Paulo ou com Apolo, agora se valem desses relacionamentos como trampolim para um jogo de poder. Surgiram facções, e essas divisões fragmentaram a igreja. Um reivindica o direito de ser líder porque foi discipulado por Paulo, o apóstolo por excelência; outro, por ser amigo íntimo de outro mestre importante. E assim por diante.

Nessa passagem, Paulo mostra que a causa da divisão é o orgulho e a vanglória. Esse é o motivo dos desentendimentos, da falta de paz no mundo e das inimizades entre as pessoas. Observe: o versículo 21 já começa advertindo: "… ninguém se glorie…". E o texto de 4.7 traz a pergunta "… por que te orgulhas…?". Observe também o versículo 6, especialmente na advertência para que ninguém se "… encha de orgulho em favor de um contra o outro".

"Nada de orgulho, nada de vanglória", diz Paulo. Desse modo, a qualidade que buscamos é a humildade. Isso nos leva a um tema bastante interessante: o da autoestima.

Até o século 20, as culturas tradicionais (assim como a maioria das culturas do mundo) sempre acreditaram que a autoestima elevada demais era a causa de todos os males da sociedade. O que provoca a maior parte dos crimes e da violência? Por que as pessoas são maltratadas? Por que são cruéis? Por que cometem os erros que cometem? A resposta tradicional diria que a culpa era do *hubris*: palavra de origem grega que significa soberba ou autoestima elevada demais. Tradicionalmente, era assim que se explicava o mau comportamento das pessoas.

No entanto, na sociedade ocidental de hoje, desenvolvemos um consenso cultural totalmente oposto. A base da educação contemporânea, a maneira de tratarmos os encarcerados, o fundamento da maior parte da legislação moderna e o ponto de partida do aconselhamento de hoje são exatamente o oposto do consenso tradicional. A crença hoje — que lança raízes profundas em tudo o que existe — é a de que as pessoas agem mal por falta de autoestima e por terem uma valorização muito baixa de si mesmas. Por exemplo, a razão pela qual um marido espanca a mulher e algumas pessoas se tornam criminosas seria o fato de que essas pessoas têm uma valorização muito baixa de si mesmas. Antigamente, pensava-se que o motivo era a autovalorização muito elevada e o excesso de autoestima. Hoje, acredita-se que esse tipo de comportamento resulta da autoestima em doses abaixo do necessário.

Há alguns anos, o New York Times publicou um artigo da psicóloga Lauren Slater chamado "The trouble with self-esteem" [O problema da autoestima]. Não era um artigo inovador nem totalmente inesperado. Lauren simplesmente relatou o que os especialistas sabiam há muito tempo. O importante, ela afirma, é que nada comprova que a autoestima negativa seja um grande problema na sociedade. Lauren cita três pesquisas recentes sobre a autoestima, e todas chegam a essa conclusão. Como ela mesma disse, "… as pessoas com autoestima elevada são mais perigosas àqueles que as rodeiam do que as pessoas com baixa autoestima, e estar incomodado consigo mesmo não é a fonte dos maiores e mais dispendiosos problemas sociais de nosso país".[1]

Seria bem interessante explicar como isso acontece, por que acontece e assim por diante. Mas, por enquanto, vamos simplesmente concordar com Slater quando ela diz que precisaremos de muitos anos para aceitar esse fato. A ideia de que a falta de autoestima é motivo para o uso de drogas, para o crime, para o espancamento da própria esposa e coisas do tipo encontra-

se profundamente arraigada em nossa psique. Slater afirma que levará uma eternidade para essa ideia deixar de existir.

A questão, como você percebe, é que a "teoria do mau comportamento como resultado da baixa autoestima" é muito atraente. Não é necessário fazer nenhum julgamento moral para lidar com os problemas da sociedade. Basta animar as pessoas e ajudá-las a se desenvolver. Nas culturas tradicionais, para resolver esses problemas, as pessoas eram repreendidas, convencidas do erro e alertadas da sua maldade!

O intrigante sobre esse texto de 1Coríntios é que o apóstolo apresenta uma maneira de entender a autovalorização, uma maneira de enxergar o eu e uma forma de vermos a nós mesmos que é completamente diferente da abordagem das culturas tradicionais e modernas/pós-modernas. Completamente diferente!

Paulo revela três coisas nesse texto:

1. a condição natural do ego humano;
2. a visão transformada do eu (a qual Paulo havia descoberto e que se dá por meio do evangelho);
3. como alcançar uma visão transformada do eu.

---

[1] 3 Feb. 2002.

1

A condição natural do ego humano

Em 1Coríntios 4.6, Paulo exorta os cristãos de Corinto a não se orgulharem de uma pessoa em detrimento de outra. “Até aqui nenhuma novidade”, podemos pensar. É claro que o orgulho é um comportamento inaceitável. Todavia, é importante saber que aqui Paulo não emprega *hubris*, o termo mais comum para “orgulho”, mas *physioō*, uma palavra incomum. Paulo a emprega nesta passagem, depois cinco outras vezes em 1Coríntios e uma vez em Colossenses 2. Depois não a encontramos em nenhum outro versículo da Bíblia, uma vez que ela é usada somente por Paulo. Muitos comentaristas já chegaram à conclusão de que se trata de um tema específico de Paulo.

Ao usar a palavra *physioō*, Paulo está tentando ensinar aos cristãos de Corinto algo especial sobre o ego humano. A palavra que ele emprega para orgulho tem o sentido literal de superinflado, inchado, distendido além do tamanho normal. Está relacionada ao termo “fole”. É uma palavra bastante sugestiva. Lembra a imagem dolorosa de um órgão humano distendido após receber uma enorme quantidade de ar. Foi-lhe bombeado tanto ar, que o órgão está superinflado e prestes a explodir. Está inchado, inflamado e

expandido além de seu tamanho normal. Paulo afirma que essa é a condição natural do ego humano.

Por ser uma metáfora tão sugestiva e interessante, devemos analisar o quadro apresentado pelo apóstolo e o que Paulo pretendia ensinar. Tentarei explicar desta forma: a imagem sugere quatro verdades sobre a condição natural do ego humano. Ele é vazio, dolorido, atarefado e frágil.

Em primeiro lugar, *vazio*. A imagem revela que há um vazio no centro do ego humano. O ego enfatuado e superinflado não tem nada no centro. É oco.

Søren Kierkegaard, em seu livro *Sickness unto death* [Doença que leva à morte], afirma que é normal o coração humano criar sua identidade em torno de algo que não seja Deus.[1] Orgulho espiritual é a ilusão de que temos competência, sem Deus, para conduzir a vida, desenvolver nosso próprio senso de valor pessoal e descobrir um propósito grande o bastante para dar sentido à vida. Segundo Kierkegaard, o ego humano natural é fundamentado em algo além de Deus. O ego busca algo que lhe dê senso de valor, de singularidade e de propósito, e nisso ele se apoia. E naturalmente, como somos sempre lembrados, se tentarmos colocar qualquer coisa no lugar reservado originariamente a Deus, vai sobrar muito espaço. Tudo que colocarmos ficará chacoalhando lá dentro. Não nos esqueçamos, então, de que o ego humano é vazio.

Em segundo lugar, o ego humano é também *dolorido*. O ego distendido e superinflado dói.

Você já reparou que, quando não há nenhum problema, não prestamos muita atenção ao nosso corpo? Quando fazemos nossas caminhadas, não pensamos em quanto os dedos dos pés estão se deliciando com o exercício, nem analisamos o excelente trabalho que os cotovelos estão fazendo. Só avaliamos os membros do

corpo caso tenham apresentado algum problema anteriormente. Isso acontece porque eles só chamam nossa atenção quando algo está errado.

Já o ego quase sempre dói. Isso acontece porque há algo muito errado com ele. Algo inacreditavelmente errado. O ego *vive* chamando a atenção para si mesmo — e isso todos os dias. O tempo inteiro, o ego exige que avaliemos nossa aparência e a maneira em que somos tratados. É comum reclamarmos que alguém feriu nossos sentimentos. Mas os *sentimentos* não podem ser feridos! É o *ego* que se sente machucado — nosso eu, nossa identidade. Os sentimentos continuam ótimos! É o ego que dói.

Caminhar não me machuca os dedos a não ser que eles já tenham algum problema. Da mesma forma, o ego não ficaria dolorido se não houvesse algo terrivelmente errado com ele. Pense nisto: dificilmente atravessamos um dia sem nos sentirmos esnobados ou ignorados, sem achar que somos idiotas ou sem atormentar a nós mesmos. Isso acontece porque existe algo muito errado com o ego. Algo errado com minha identidade, com a percepção que tenho do meu eu. O ego nunca se sente feliz. Vive chamando a atenção para si.

Assim, em primeiro lugar, o ego é vazio. Em segundo lugar, porque se assemelha a um estômago dilatado, ele dói. E, em terceiro lugar, o ego é incrivelmente *atarefado* — ou seja, faz de tudo para ser notado. Vive ocupado tentando preencher o vazio. E é incansável sobretudo em duas tarefas: a comparação e a vanglória. Notamos as duas em 1Coríntios. Observe que a frase não termina com a palavra “orgulho”. Paulo não diz “Nenhum de vós se encha de orgulho” e ponto-final. Não, ele diz: “Nenhum de vós se encha de orgulho em favor de um contra o outro”. Essa é a própria essência do que significa ter um ego humano normal. Na tentativa de

preencher o vazio e lidar com seu desconforto, o ego vive se comparando com outras pessoas. E faz isso o tempo todo.

No livro *Mere Christianity*, C. S. Lewis escreveu um capítulo notável sobre o orgulho. Nele, Lewis ressalta que o orgulho é competitivo por definição. Competitividade é o que se acha no âmago do orgulho.

> O orgulho não se satisfaz em ter uma coisa, mas em tê-la em quantidade maior do que os outros. Dizemos que as pessoas se orgulham de ser ricas, espertas ou bonitas, mas isso não é verdade. Elas têm orgulho de ser mais ricas, mais espertas ou mais bonitas que os outros. Se todos fossem igualmente ricos, ou inteligentes, ou bonitos, não existiria motivo de orgulho.[2]

Em outras palavras, temos orgulho apenas de ser *mais* bem-sucedidos, *mais* inteligentes ou *mais* bonitos do que os outros e, quando encontramos alguém mais bem-sucedido, mais inteligente e mais bonito do que nós, o que tínhamos perde a graça. Isso acontece porque não tínhamos alegria verdadeira nessas coisas. Tínhamos apenas *orgulho* delas. Como Lewis afirma, orgulho é o prazer de ter mais do que os outros. Orgulho é o prazer de se sentir melhor do que os outros. A cobiça sexual pode levar um homem a se deitar com uma linda mulher — e ele o faz porque a deseja. O orgulho leva um homem a se deitar com uma linda mulher somente com o intuito de provar que é capaz, mais capaz do que os outros. O orgulho destrói sua capacidade de ter prazer verdadeiro com a mulher.

Quando eu era menino, minha mãe vivia me dizendo coisas assim:

— Querido, você precisa entrar para o clube de xadrez.

Ao que eu respondia:

— Mãe, eu detesto xadrez.

— Eu sei, querido — ela dizia —, mas isso ia melhorar bastante o seu currículo estudantil. — Então ela tentava novamente: — Não existe uma organização lá no centro da cidade que serve café da

manhã todos os sábados para os sem-teto e sem-alimento? Por que você não se oferece para ajudar?

— Mãe, eu detesto esse tipo de coisa — eu respondia.

A resposta era a mesma:

— Eu sei, querido, mas isso ia melhorar bastante seu currículo estudantil.

Portanto, durante meu tempo de escola, realizei uma infinidade de tarefas pelas quais não tinha o menor interesse. Estava simplesmente preparando um currículo. É isso o que o ego faz o tempo inteiro. Trabalhamos em coisas de que não gostamos, fazemos dietas que detestamos. Realizamos todo tipo de coisas, não pelo prazer de realizá-las, mas apenas para construir um currículo que impressione. Quando nos comparamos com os outros e tentamos nos sobressair, estamos nos vangloriando. Com isso, tentamos ser os melhores e desenvolver um currículo que aumente nossa autoestima, uma vez que estamos desesperados por compensar nosso sentimento de impotência e vazio. O ego vive ocupado. Ocupadíssimo, o tempo inteiro.

Por fim, assim como é vazio, dolorido e atarefado, o ego também é *frágil*. Isso acontece porque qualquer coisa superinflada corre perigo iminente de estourar: é como uma bexiga que alguém soprou demais e a deixou muito cheia.

Se estou dilatado com ar em vez de estar abastecido com algo sólido, não faz nenhuma diferença se estou superinflado ou desinflado. Complexo de superioridade e complexo de inferioridade são basicamente a mesma coisa. Os dois resultam do fato de que a pessoa estava superinflada. A pessoa com complexo de superioridade está superinflada e corre o risco de ser desinflada; a pessoa com complexo de inferioridade já está desinflada. A pessoa com complexo de inferioridade declara aos outros que se odeia e declara isso também a si mesma. Pessoas assim estão desinfladas. Se a pessoa está desinflada, isso significa que ela já esteve inflada.

Desinflado ou em perigo iminente de ser desinflado é a mesma coisa. E, portanto, fragiliza o ego.

Vazio, dolorido, atarefado e, portanto, frágil. Tenho um ótimo exemplo disso. Minha intenção não é, de forma alguma, destruir a imagem dessa artista. Na verdade, ela demonstra bastante autoconsciência, e tenho grande admiração por ela. Um trecho da entrevista que a *Vogue* fez com Madonna há algum tempo, em que a cantora fala de sua carreira, exemplifica perfeitamente o que estou dizendo:

> O que me impulsiona na vida é o medo de ser medíocre. Esse medo é o que sempre me impele. Venço um de seus ataques e descubro-me como um ser humano especial, mas logo continuo me sentindo medíocre e desinteressante, a menos que faça outra coisa espetacular. Apesar de ter me tornado alguém, ainda tenho de provar que sou alguém. Minha luta não terminou, e acho que nunca terminará.

Temos de admitir uma coisa: Madonna conhece a si mesma mais do que nós nos conhecemos. Sempre que realiza algo, ela pensa algo assim: “Agora tenho a confirmação de que sou alguém. Mas no dia seguinte, percebo que, se não continuar avançando, não sou ninguém. Meu ego nunca fica satisfeito. Minha autoestima, meu amor próprio, minha necessidade de saber que sou mesmo alguém — nada disso é preenchido. Quando as pessoas falam bem de mim, e as revistas e os jornais me elogiam, acho que cheguei lá. Mas, no dia seguinte, tenho de procurar essa aprovação de novo em outras coisas. Por quê? Porque meu ego é insaciável. É um buraco negro. Por mais que eu abasteça a despensa, ela está sempre vazia. Todas as manhãs, reponho vários itens, mas à noite ela está vazia. Eu me tornei alguém — mas ainda preciso ser alguém”. Talvez achemos que Madonna é neurótica. Na verdade, seu autoconhecimento está à frente da maioria de nós.

Esse é o estado natural do eu humano. É disso que Paulo está falando aos coríntios. Todas essas pessoas que brigam por causa dele e reivindicam um relacionamento especial com ele só estão

exibindo uma tremenda dose de orgulho. São incapazes de se deleitar simplesmente na amizade que têm com Paulo. Usam o relacionamento com ele para afirmar que são mais importantes do que os outros membros da igreja.

É desejo de Paulo que essas pessoas vejam a diferença que o evangelho faz e como esse evangelho transformou tudo para ele. Examine 1Coríntios 4.3,4. Paulo mostra aos coríntios que o evangelho transformou seu senso de valor próprio, a maneira em que ele se considera a si próprio e sua identidade. Agora seu ego funciona de um jeito totalmente diferente.

---

[1] New York: Penguin, 1989 [edição em português: *O desespero humano* (São Paulo: Ed. UNESP, 2010)].

[2] San Francisco: HarperSanFrancisco, 2001 [edição em português: *Cristianismo puro e simples* (São Paulo: Martin Fontes, 2005)].

2

A visão transformada do eu

Vejamos o que Paulo diz. Em 1Coríntios 4.1,2, o apóstolo lembra os cristãos de Corinto que ele é ministro de Deus e tem um trabalho a realizar. Logo a seguir, porém, explica que, em relação a esse papel, pouco importa se é julgado por eles ou por tribunal humano (v. 3,4). A palavra traduzida por “julgado” tem o mesmo significado de “ser alvo de um veredicto”. Como vimos no capítulo anterior, Madonna anseia por um veredicto ou selo de aprovação ilusório. Paulo não busca nos coríntios nem em nenhum tribunal humano o veredicto para que ele sinta que é alguém.

Paulo está dizendo aos coríntios que não se importa com o que pensam dele. Não leva em consideração o que as pessoas, *sejam elas quem forem*, achem dele. Na verdade, a identidade dele não deve nada ao que as pessoas dizem. É como se dissesse: “Não me importa o que vocês pensam. Não me interessa a opinião das pessoas”. A autovalorização de Paulo, sua autoconsideração e sua identidade não estão de forma alguma ligadas ao veredicto e à apreciação que as pessoas têm dele.

A identidade de Paulo pode não estar presa à opinião alheia, mas e quanto a nós? Como alcançamos esse estágio de não sermos controlados pela opinião dos outros? Muitas pessoas diriam que a resposta é óbvia. Praticamente todos os conselheiros que conheço afirmariam que não devemos levar em consideração o que

os outros pensam sobre nós. Diriam que não devemos viver segundo a vontade dos outros. Os padrões *das pessoas* não devem nos influenciar. Não devemos valorizar demais o que as pessoas pensam a nosso respeito. O que realmente interessa é o que eu penso sobre mim. Não tenho de seguir as normas dos outros. O que interessa de fato são os meus valores, aqueles que eu mesmo determino. Em suma, eis o que diriam: “Decida quem você quer ser e seja, pois o que realmente interessa é como você se enxerga”.

Ao que parece, a sociedade moderna conhece apenas uma forma de lidar com a baixa autoestima. E o remédio é a autoestima elevada. Dizemos à pessoa nessa situação que ela é extraordinária e deve se ver dessa maneira. Incentivamos a pessoa a examinar todas as coisas maravilhosas que realizou na vida. Dizemos a ela que pare de se preocupar com o que os outros pensam. Dizemos que ela precisa estabelecer seus critérios e viver de acordo com eles — e então fazer a *própria* avaliação de si mesma.

A abordagem de Paulo não poderia ser mais diferente. Para ele, tanto faz ser julgado pelos coríntios ou por um tribunal humano. E ele vai mais adiante: Paulo nem mesmo julga a si próprio. É como se ele dissesse: “Não me importo com o que vocês pensam nem mesmo com o que *eu* penso. Não considero a opinião de vocês a meu respeito, nem mesmo a *minha* opinião a meu respeito”. O fato de Paulo ter a consciência limpa não faz diferença. Observe com atenção o que ele diz no versículo 4: “Minha consciência está limpa, mas isso não me torna inocente”. A consciência dele pode estar limpa — mas Paulo sabe que consciência limpa não faz dele um homem inocente. Hitler talvez tivesse a consciência limpa, mas isso não significa que ele era inocente.

O que Paulo responderia a quem lhe mandasse estabelecer os próprios padrões morais? Responderia que isso não passa de uma armadilha na qual ele não cairá, pois é um ardil afirmar que não devemos levar em conta os padrões alheios e que devemos estabelecer nossas próprias normas. Isso não é resposta. Elevar a

autoestima vivendo de acordo com nossos critérios ou com critérios alheios parece uma solução espetacular. Mas não é o suficiente. Nem pode ser. Não consigo viver segundo os critérios de meus pais — e isso me faz sentir péssimo. Não consigo viver segundo os seus padrões — e isso me faz sentir péssimo. Não consigo viver segundo os critérios da sociedade — e isso me faz sentir péssimo. Talvez seja melhor estabelecer meus próprios padrões? Mas também não consigo viver de acordo com eles, a não ser que sejam demasiadamente *frouxos*. Padrões frouxos respondem a essa questão? De jeito nenhum. Isso me faz sentir péssimo porque vejo, então, que sou o tipo de pessoa que tem baixos padrões morais. Tentar alavancar a autoestima seguindo nossos critérios ou os critérios de terceiros é uma armadilha. Não é a resposta.

Vemos, assim, que Paulo não busca sua identidade nos cristãos de Corinto. Não espera que eles lhe deem o veredicto de que ele é "alguém". Ele não busca neles o sentido de sua identidade. Também não o busca em si mesmo. Paulo sabe que acompanhar certos critérios na tentativa de conquistar a autoestima é uma grande armadilha. Agora começaremos a ver onde Paulo encontra o senso que tem de si mesmo, o senso de identidade. Cuidado! Nesse ponto, Paulo sai totalmente da rota comum. Paulo avança por um território que nos é completamente desconhecido.

Paulo foi um homem de estatura impressionante. Acho difícil discordar daqueles que o colocam entre os seis ou sete líderes mais influentes da história humana. Paulo tinha grande estabilidade, profunda influência e uma incrível confiança. O apóstolo seguia adiante e nada o inquietava. Mesmo assim, em 1Timóteo, ele diz: "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1.15). Ele não diz eu *era* o principal, mas eu *sou* o principal. Resumindo: "eu sou o pior deles". Isso foge às nossas categorias. Não estamos acostumados a pessoas tão confiantes que afirmam serem as piores pessoas deste mundo. Não estamos acostumados a pessoas assim tão honestas e tão conscientes de

todo tipo de falhas morais — e ainda assim com equilíbrio e confiança incríveis.

Não conseguimos ser assim. Sabe por quê? Porque julgamos a nós mesmos. Mas Paulo não faz isso. Quando afirma que não admite ser julgado pelos coríntios nem por si mesmo, ele está dizendo que está consciente de seus pecados, mas não os conecta a si nem à sua identidade. Seus pecados e sua identidade não estão ligados um ao outro. Paulo se recusa a entrar nesse jogo. Ao enxergar um pecado, o apóstolo não permite que ele destrua sua identidade. Ele não faz essa conexão. Da mesma forma, diante de um bom desempenho, o apóstolo não se parabeniza. Ele enxerga todos os tipos de pecado que tem — e todos os tipos de realizações —, mas se recusa a interligá-los à sua pessoa ou identidade. Embora o apóstolo se considere o principal dos pecadores, esse fato não o impedirá de realizar a obra à qual foi chamado.

Não poderíamos ser mais diferentes de Paulo. Se eu me vir como uma pessoa ruim, não terei autoconfiança. Se me achar pecador, cheio de orgulho, cobiça sexual, ira, ganância e outras coisas das quais Paulo afirma ter o coração cheio, não terei confiança. Por quê? Porque julgarei a mim mesmo. Estabelecemos nossos padrões e depois nos condenamos. Dessa forma, o ego nunca fica satisfeito. Nunca!

Paulo está afirmando algo impressionante. “Não me importo com o que vocês pensam nem com o que eu penso.” Paulo nos leva a um território completamente novo e desconhecido. Seu ego não está inflado, está saciado. Paulo está falando sobre humildade — embora eu não goste de usar a palavra “humildade”, pois o que Paulo descreve não tem nenhuma relação com nossa ideia de humildade. O apóstolo está afirmando que alcançou um estágio no qual o ego não chama a atenção para si, assim como qualquer outra parte do corpo. Paulo alcançou um patamar em que não pensa mais em si mesmo. Quando ele faz algo certo ou errado, não mais relaciona o fato a si mesmo.

Em *Cristianismo puro e simples*, C. S. Lewis faz uma observação brilhante sobre humildade segundo o evangelho no final do capítulo sobre orgulho. Depois que encontramos uma pessoa verdadeiramente humilde, Lewis afirma, não saímos da presença dela afirmando que se trata de alguém humilde. Pessoas assim nunca afirmam que são insignificantes (quem vive dizendo isso é, na verdade, obcecado por si próprio). Depois de conversarmos com alguém que tem a humildade do evangelho, o que impressiona é quanto essa pessoa se interessou por nós. Isso porque a essência da humildade resultante do evangelho não é pensar em mim mesmo como se eu fosse mais nem pensar em mim mesmo como se eu fosse menos; é pensar menos em mim mesmo.

A humildade do evangelho mata a necessidade que tenho de pensar em mim. Não preciso mais ligar as coisas à minha pessoa. Essa humildade dá fim a pensamentos como: “Estou nesta sala com essas pessoas. Isso faz com que seja bem visto por elas? Estar aqui me faz bem?”. A humildade baseada no evangelho significa que não relaciono mais cada experiência e cada conversa à minha pessoa. Na verdade, deixo de pensar em mim mesmo. É a liberdade que vem do autoesquecimento. É o descanso bendito que somente o autoesquecimento nos oferece.

A humildade verdadeira que brota do evangelho significa ter o ego satisfeito, não inflado. Trata-se de algo absolutamente singular. Estamos falando de autoestima elevada? Não. De baixa autoestima? De jeito nenhum. Isso em nada se relaciona com autoestima. Paulo simplesmente se recusa a entrar nesse jogo. Ele deixa bem claro: “Não me importo com sua opinião, mas também não me importo com a minha” — e esse é o segredo.

A pessoa verdadeiramente humilde não é aquela que se odeia ou se ama, e sim a que tem a humildade do evangelho. É uma pessoa que se esquece de si mesma e cujo ego é igual aos dedos dos pés. Eles simplesmente exercem sua função. Não imploram por atenção.

Os dedos simplesmente trabalham; o ego simplesmente trabalha. Nem o ego, nem os dedos chamam atenção para si.

Aqui vai um teste bem simples. A pessoa que se esquece de si mesma não se sente ferida, não fica mal quando criticada. A crítica não acaba com ela, não lhe tira o sono, não a incomoda. Por quê? Porque a pessoa que se sente arrasada com as críticas valoriza demais o que os outros pensam, valoriza demais a opinião alheia. Quando alguém muito sensível fica devastado pelas críticas, o mundo aconselha essa pessoa a reagir dizendo: “Quem se importa com o que os *outros* pensam? Tenho minha própria opinião. Quem se importa com o que pensa essa gente? Não me incomodo com isso”. Ou as pessoas são arruinadas pelas críticas, ou as críticas não as impactam porque não se importam com elas. Não se importam com as críticas ou não aprendem com elas porque não levam em consideração a opinião alheia. Sabem quem são e o que pensam. Em outras palavras, nossa única solução para a baixa autoestima é o orgulho. Mas essa não é a solução. Tanto a baixa autoestima quanto o orgulho exacerbado são transtornos terríveis para nosso futuro e para quem nos rodeia.

A pessoa que se esquece de si mesma age de modo totalmente diferente. Quem tem o ego satisfeito e não inflado não se deixa abater pelas críticas. A pessoa ouve a crítica e a entende como oportunidade de mudança. Parece idealismo? Quanto mais compreendemos o evangelho, maior é nosso desejo de mudar. Amigo, você não gostaria de ser alguém que não precisa de elogios — nem tem medo de recebê-los? Alguém que não tem fome de reconhecimento — nem morre de medo dele? Você não gostaria de ser o tipo de pessoa que, diante do espelho ou de sua imagem refletida em uma vitrine, não apenas fica admirando o que vê, mas também não sente repulsa? O tipo de pessoa que não fica só imaginando belas jogadas que terminam em gols da autoestima, sonhando com o sucesso que a porá acima de todo o mundo? Talvez você viva massacrado e torturado pelos remorsos. Não

gostaria de se libertar disso tudo? Não gostaria de ser medalha de prata em natação e, mesmo assim, ficar entusiasmado porque o medalha de ouro venceu com mais de um corpo à sua frente? Não gostaria de admirar a conquista do opositor da mesma forma que admira o nascer do sol? Simplesmente encantar-se com a realização do outro? Não importa se o sucesso foi dele ou seu. Não interessa quem alcançou o primeiro lugar no pódio. Você fica tão feliz pela vitória da outra pessoa como se a conquista fosse sua, pois presenciou algo fantástico.

Provavelmente você vai dizer que não conhece ninguém assim. Mas você e eu podemos ser desse jeito se continuarmos nos passos de Paulo. Posso começar a me alegrar com as coisas que não giram em torno de mim. Meu trabalho não gira em torno de mim, o esporte que pratico não gira em torno de mim, minha vida amorosa não gira em torno de mim, meu namoro não gira em torno de mim. Apreciarei as coisas pelo que são, e nada mais. Elas não serão apenas elementos do meu currículo. Não servirão apenas para ocupar mais espaço no formulário de solicitação de bolsa de estudo ou na ficha de emprego. Não servirão apenas para preencher o vazio. Quem não deseja algo assim? Mas isso está fora das nossas categorias. Esse é o bendito autoesquecimento; é a humildade do evangelho. É não pensar em mim mesmo como se fosse mais do que sou, como nas culturas modernas, nem pensar em mim mesmo como se fosse menos do que sou, como nas culturas tradicionais. É simplesmente pensar menos em mim mesmo.

3

Como alcançar uma visão transformada do eu

Como Paulo alcançou esse bendito autoesquecimento? Com certeza, ele mostra de que maneira isso ocorreu, mas temos de examinar com atenção o que ele diz. Primeiro, o apóstolo afirma: “Não me importo com o que vocês pensam, tampouco com o que eu mesmo penso”. Em outras palavras, Paulo não dependia do veredicto dos cristãos de Corinto, nem dependia de seu próprio veredicto. Em seguida, ele afirma: “… embora eu esteja consciente de que não há nada contra mim, nem por isso me justifico”. A palavra traduzida aqui por “justifico” está relacionada a uma palavra também traduzida por “inocente”, e é a mesma que Paulo usa em Romanos e em Gálatas. Aqui, para o apóstolo, mesmo que sua consciência esteja limpa, isso não o torna *inocente*.

O que Paulo busca, o que Madonna busca, o que todos buscamos é um veredicto *definitivo* que afirme que somos importantes e valiosos. Buscamos esse veredicto definitivo todos os dias, em todas as situações e pessoas ao redor. Isso significa que todos os dias estamos sob julgamento. Todos os dias nos colocamos de novo em um tribunal. Mas você notou que Paulo afirma não se preocupar com o que os coríntios pensam dele ou com o que qualquer tribunal humano pense a seu respeito? É

estranho que ele se refira a tribunais — afinal, os coríntios não formavam um tribunal. No meu entendimento, Paulo está usando uma metáfora. E com isso afirma que o problema da autoestima — seja ela alta ou baixa — é que todos os dias voltamos ao tribunal. Dia após dia, nos vemos de novo sob julgamento. É assim que funciona a identidade de cada pessoa. Em um tribunal, temos a acusação e a defesa. E tudo o que fazemos serve de prova para a acusação e para a defesa. Em alguns dias, sentimos que estamos vencendo o julgamento; em outros, que o estamos perdendo". No entanto, Paulo conta que descobriu o segredo. O julgamento dele já está encerrado. Ele já deixou o tribunal. O processo foi concluído. Acabou. Porque o veredicto *definitivo* foi anunciado.

Como isso aconteceu? Paulo explica de maneira simples. Ele sabe que ninguém poderá justificálo. Ele sabe que nem mesmo ele poderá se inocentar. E o que ele afirma então? Ele afirma que é *o Senhor* quem o julga. A opinião *de Deus* é a única que interessa.

Você já notou que é somente no evangelho de Jesus Cristo que o veredicto é dado antes de desempenharmos nossas ações? O ateísta pode dizer que sua autoimagem advém de ele ser uma pessoa correta. Ele é uma pessoa correta e espera um dia receber o veredicto que confirme isso. Seu bom desempenho leva a esse veredicto. Também para o budista, o bom desempenho conduz a esse veredicto. Se você é muçulmano, o bom desempenho leva a esse veredicto. Isso significa que todo dia você se vê no tribunal, todo dia você está sob julgamento. E esse é o problema. Mas Paulo está dizendo que, no cristianismo, o veredicto é que leva ao desempenho. Não é o desempenho que leva ao veredicto. No cristianismo, no momento em que cremos, Deus afirma: "Este é o meu Filho amado, de quem me agrado" (cf. Mateus 3.17). Vejamos também Romanos 8.1, que diz: "Portanto, agora já não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus". No cristianismo, assim que cremos, Deus nos imputa as ações perfeitas de Cristo, seu desempenho, como se fossem nossas e nos adota

como filhos. Ou seja, Deus pode nos dizer exatamente o que disse a Cristo: “Tu és o meu filho amado, de quem me agrado” (Marcos 1.11).

Como dissemos, o veredicto já foi anunciado. E agora meu desempenho, minhas ações se dão com base no veredicto. Como Deus me ama e me aceita, não preciso fazer as coisas apenas para melhorar o currículo. Não tenho de fazer as coisas para parecer bom. Faço-as só pela alegria de realizá-las. Ajudo as pessoas porque quero de fato ajudar — não para me sentir bem, não para preencher o vazio.

Com todas as outras formas de identidade e com todos os outros “distintivos” ou comendas com que nos premiamos, o que sempre ocorre é que o veredicto provém do desempenho. Podemos nos sentir seguros ao nos rotularmos de pessoas corretas, pessoas religiosas, pessoas decentes. Seja o que for, nada muda: o desempenho ou as nossas ações levam ao veredicto. Mas o veredicto nunca chega. Madonna afirmou isso, e ela entende do assunto. Madonna faz coisas que nem você nem eu jamais faremos — mas não são suficientes. Madonna é talentosíssima, é ousada. Mesmo assim, apesar de tudo o que realiza, ela confessa que ainda não encontrou o mais elevado veredicto que procura. O desempenho jamais alcança o veredicto supremo.

No cristianismo, todavia, o veredicto nos garante o desempenho. Acredite: o veredicto de fato nos garante o desempenho. Como assim? A resposta de Paulo é que ele deixou o tribunal, não está mais sendo julgado. Por quê? Porque Jesus Cristo foi julgado em seu lugar. Jesus esteve diante do tribunal. Esteve sob julgamento. Foi um julgamento injusto de um tribunal corrupto, mas ele não reclamou. Igual à ovelha perante os tosquiadores, ele ficou calado. Ele foi golpeado, espancado, morto. Por quê? Para nos substituir. Ele recebeu a condenação que merecíamos; encarou o julgamento que deveria ser nosso para que não precisássemos enfrentar mais nenhum julgamento. Só tenho de pedir que Deus me aceite por

causa do que Jesus Cristo fez. Então, a única pessoa cuja opinião realmente interessa se volta para mim e diz que sou mais valioso do que todas as joias deste mundo.

Como poderemos nos preocupar se formos desprezados? Por que ficar infelizes se formos rejeitados? Por que dar tanta atenção à imagem refletida no espelho?

Gostaria de me dirigir àquele que nunca ouviu nenhuma dessas coisas. Talvez você deseje acreditar em tudo isso. Mas ouça o que quero lhe dizer: algumas pessoas não entendem a diferença entre identidade cristã e os outros tipos de identidade. Até se consideram cristãs, pensam que se comportam de modo muito correto, frequentam a igreja e esperam que um dia Deus as leve para o lar celestial. Mas posso garantir que a identidade cristã verdadeira opera de modo totalmente diferente das outras identidades. O autoesquecimento nos *retira* do tribunal. O julgamento acabou. O veredicto foi proferido. Talvez tudo isso seja novidade para você. Continue buscando. Continue investigando. Continue indagando. Há muito a ser descoberto. Aqui tratei de muito assunto em pouco espaço. Há muitas peças a ser encaixadas no quebra-cabeça. Por que Jesus teve de morrer? Por que ele ressuscitou dos mortos? Ele era mesmo o Filho de Deus? Continue investigando até compreender a história toda.

Mas pode ser que sua situação seja diferente — você crê no evangelho e talvez creia há muito tempo. Mas — e é um MAS com letras maiúsculas — todos os dias você se vê sendo arrastado de volta para o tribunal. Sente que não vive como Paulo mostra. Você é sugado de volta ao tribunal. Tudo o que lhe digo é que temos de reviver o evangelho cada vez que orarmos. Temos de revivê-lo sempre que vamos à igreja. Temos de reviver o evangelho a todo instante e perguntar a nós mesmos por que estamos no tribunal. Ali não é mais o nosso lugar. O julgamento terminou.

Da mesma forma que Paulo, podemos afirmar: “Não me importo com o que vocês pensam, tampouco com o que eu mesmo penso. Só me interessa o que o Senhor pensa”. E o Senhor afirmou: “Portanto, agora já não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8.1) e “Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado” (Marcos 1.11). Viva com base nessa verdade.

Considerações e perguntas para reflexão

- Se você é novo na fé cristã, sugiro que leia o Evangelho de Marcos e peça que Deus lhe revele a verdade sobre Jesus Cristo — especialmente sua morte na cruz. Se você tem amigos cristãos, converse com eles sobre o assunto.

- Use o salmo 139 como oração. Peça que Deus lhe sonde o coração. Peça que ele mostre onde você busca autoestima e como você tenta encontrar o seu senso de identidade.

  Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno (Salmos 139.23,24).

- Você saberia explicar a alguém como o evangelho pode (e deve) transformar nosso senso de identidade? De que modo seu senso de identidade foi transformado? Muito? Pouco?

- Como a Bíblia tem encorajado ou desafiado você? Ore sobre isso.

- Ore pedindo que Deus lhe dê o necessário para desenvolver a humildade que vem do evangelho e conquistar a liberdade resultante do autoesquecimento.

TIMOTHY KELLER
COM KATHY KELLER

O significado do casamento

VIDA NOVA

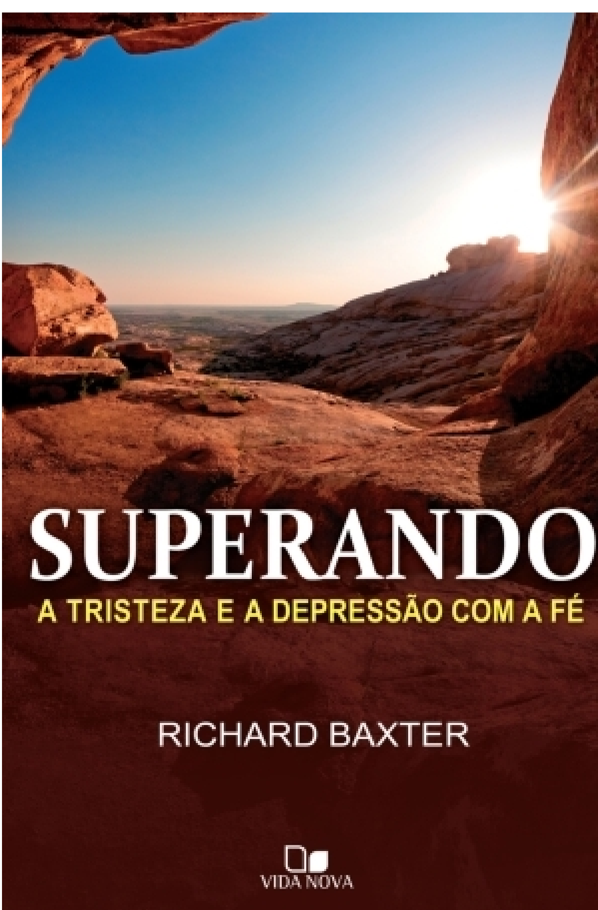
O significado do casamento

Keller, Timothy
9788527507479
296 páginas

Compre agora e leia

Este livro se baseia na muito aplaudida série de sermões pregados por Timothy Keller, autor best-seller do New York Times. O autor mostra a todos — cristãos, céticos, solteiros, casais casados há muito tempo e aos que estão prestes a noivar — a visão do que o casamento deve ser segundo a Bíblia. Usando a Bíblia como seu guia, e com os comentários muito perspicazes de Kathy, sua esposa há 37 anos, Timothy Keller mostra que Deus criou o casamento para nos trazer para mais perto dele e para dar mais alegria à nossa vida. É um relacionamento glorioso, e é também o mais malcompreendido e misterioso dos relacionamentos. Caracterizado por uma compreensão clara e cristalina da Bíblia e por instruções significativas sobre como conduzir um casamento bem-sucedido, O significado do casamento é leitura essencial para qualquer pessoa que quer conhecer a Deus e amar mais profundamente nesta vida.

Compre agora e leia


SUPERANDO
A TRISTEZA E A DEPRESSÃO COM A FÉ
RICHARD BAXTER
VIDA NOVA

Superando a tristeza e a depressão com a fé

Baxter, Richard
9788527506564
96 páginas

Compre agora e leia

A obra oferece insights de grande valia a pastores, conselheiros e outros profissionais envolvidos na tarefa de aconselhar e acompanhar pessoas que estejam passando por depressão. Quem estiver experimentando ou já experimentou situações como essa também encontrará nesta obra ajuda prática e eficaz. Os ensinamentos de Baxter refletem uma inteligência notável, fruto de observação cuidadosa, meditação e análise das Escrituras [...]. Baxter vê a ação pastoral como o cuidado de vidas concretas, o que implicará conhecer cada ovelha e não apenas ministrar no coletivo anônimo. Ajudando a pensar com base nas Escrituras, ele espanta a ignorância e possibilita a liberdade da alma e o crescimento emocional pelo desfrute da graça de Deus. AGEU HENRIGER LISBOA, psicólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

Compre agora e leia

TIMOTHY KELLER

dEUSES FALSOS

AS PROMESSAS VAZIAS
DO DINHEIRO, SEXO E PODER,
E A ÚNICA ESPERANÇA
QUE REALMENTE IMPORTA

VIDA NOVA

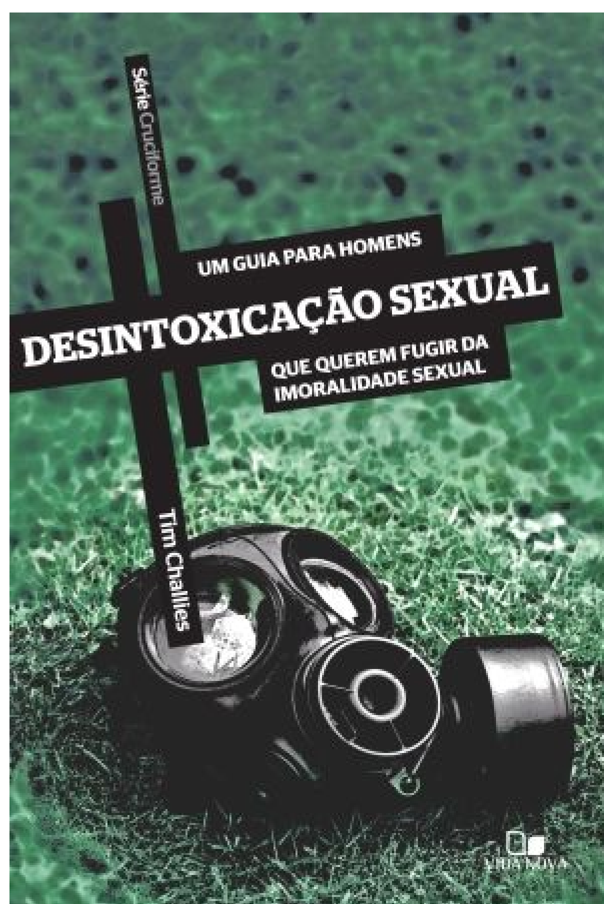
Deuses falsos

Keller, Timothy
9788527508759
192 páginas

Compre agora e leia

Sucesso, dinheiro, amor verdadeiro — a vida perfeita. Muitos de nós depositam a fé e a esperança nessas coisas, acreditando que sejam capazes de trazer a felicidade. No fundo, porém, sabemos que nada disso pode garantir satisfação plena. Por isso não é de surpreender que nos sintamos perdidos, solitários, desencantados e ressentidos. Só o Deus verdadeiro pode satisfazer totalmente nossos desejos, e este é o momento perfeito para encontrá-lo novamente... ou, quem sabe, pela primeira vez.Em Deuses falsos, Timothy Keller mostra que uma compreensão adequada da Bíblia revela a verdade acerca da sociedade e de nosso próprio coração. Nessa mensagem poderosa, enxergamos nossa tendência de buscar em outras coisas aquilo que só Deus pode nos dar. Também somos apresentados a um novo caminho: aquele que leva a uma esperança que não pode ser abalada pelas circunstâncias da vida

Compre agora e leia


Série Cruciforme
UM GUIA PARA HOMENS
DESINTOXICAÇÃO SEXUAL
QUE QUEREM FUGIR DA
IMORALIDADE SEXUAL
Tim Challies
VIDA NOVA

Desintoxicação sexual

Challies, Tim
9788527505109
112 páginas

[Compre agora e leia]

Você não aguenta mais tanta pornografia? É hora de se desintoxicar. Este livro apresenta um retorno à saúde, um retorno à normalidade. Uma alta porcentagem de homens precisa se desintoxicar da pornografia, ou seja, recomeçar do zero do ponto de vista moral e psicológico. Seria o seu caso também? Se for, ainda que nem saiba disso, a pornografia corrompeu sua maneira de pensar, enfraqueceu sua consciência, distorceu seu senso de certo e errado e deformou seu entendimento e suas expectativas a respeito da sexualidade. Você precisa de um recomeço conduzido por Aquele que criou o sexo. "Numa época em que o sexo é venerado como um deus, um livro pequeno como este é capaz de dar uma grande contribuição, ajudando os homens a superar o vício do sexo." Pastor Mark Driscoll, Mars Hill Church

[Compre agora e leia]



VOCÊ É AQUILO QUE AMA

O PODER ESPIRITUAL do HÁBITO

JAMES K. A. SMITH

Você é aquilo que ama

Smith, James
9788527507899
256 páginas

[Compre agora e leia]

Você é aquilo que ama. Mas pode ser que você não ame o que pensa que ama. Nosso coração é moldado fundamentalmente por tudo o que adoramos. Talvez sem perceber, somos ensinados a amar deuses rivais em lugar do verdadeiro Deus para o qual fomos criados. Embora tenhamos a intenção de moldar a cultura, nem sempre temos consciência de quanto a cultura nos molda. Em Você é aquilo que ama, James K. A. Smith nos ajuda a reconhecer o poder formador da cultura e as possibilidades transformadoras das práticas cristãs, redirecionando nosso coração para o que de fato merece nossa adoração. Smith explica que a adoração é a "estação da imaginação", capaz de incubar nossos amores e anseios de tal modo que os nossos engajamentos culturais tenham sempre Deus e o reino como referenciais. É por essa razão que a igreja e o culto em uma comunidade local de crentes devem ser o centro da formação e do discipulado cristãos. O autor engaja o leitor fazendo um uso criativo de filmes, obras de literatura e músicas e trata de temas como casamento, família, ministério de jovens, fé e trabalho. Além de tudo, também sugere práticas individuais e comunitárias para moldar a vida cristã. Livro premiado na categoria de melhor livro de 2016 por The Word Guild Canadian Writing Awards

Compre agora e leia